

# A Terra de Duas Línguas

## II

Antologia de Autores Transmontanos



Coordenação: ERNESTO RODRIGUES - AMADEU FERREIRA

Lema  
d'Origem



2013

Cultivou esta filiação não apenas literária e espiritual, mas também como identidade individual e coletiva, traços do carácter próprio da sua gente, refletidamente vividos e assimilados: «Transporto comigo todas as qualidades e todos os defeitos de um barroso comum» – a partilha dos mesmos saberes, dos mesmos sons, do sorver do mesmo ar, dos mesmos passos pelo território, da mesma paisagem, dos mesmos mitos, da mesma natureza serrana de homens e bichos, da solidão essencial das terras altas e de tudo o mais que possa caber na sua nova Arca de Noé, enquanto ingredientes de recuperação ecológica.

Entre as muitas referências da infância há dois luzeiros a brilhar no horizonte do seu crescimento; o pai, o Sol; a mãe, a Terra. Manuel Marinheiro foi o mais vivo exemplo de ajuda ao próximo, de entrega incondicional aos outros. Nasceu em 1890, sendo o mais velho dos sete filhos do casal. Por falecimento do pai viu-se na contingência de aos 14 anos ficar à frente da casa de lavoura, uma vez que a mãe não mais aceitou criados adultos dentro de casa, para não dar origem a falatórios de vizinhos. Manuel Marinheiro ficou corresponsável pela criação e educação dos seus irmãos mais novos, o mais pequeno ainda de peito. Só depois de eles crescidos e independentes é que constituiu a sua própria família nuclear. Por volta dos 30 anos de idade casou com Maria Morena, cinco anos mais nova. Da casa paterna levou apenas consigo uma escassa duodécima parte da herança.

Nos primeiros tempos de casado continuou a viver na casa dos Marinheiros, mas resolveu-se algum tempo depois a levantar casa própria, recomeçando a vida praticamente do zero. Para pasto do gado alugou uma lama do boi, pagando a renda à povoação, com o trabalho de escavação de uma mina, para aumentar o fornecimento de água à povoação. Como as lides do campo reclamavam todo o tempo diário, ia trabalhar na mina durante a noite. «A minha mãe acordava-me, às vezes, durante a noite e íamos ver se o meu pai estava bem. Escutávamos o bater ritmado da picareta e voltávamos sem lhe dirigir palavra, para não lhe trazer mais uma preocupação.»

Foi um exemplo de dedicação ao próximo, sempre disponível para quem lhe bateu à porta, um mouro de trabalho e de sacrifício que tudo fez para ajudar os filhos, três dos quais concluíram licenciatura universitária. A sua bondade, a sua franqueza e amizade sincera com todos o que com ele privaram perdura ainda na memória das gentes de Barroso. A mãe foi, ao seu lado, um exemplo de dedicação, solidez e perseverança, orgulhosa tanto pela atenção que dispensou aos filhos como pelos cuidados, reconhecimento e carinho que eles lhe manifestaram ao longo da vida.

## ARTUR MANSO

### MANUEL ANTÓNIO FERREIRA-DEUSDADO (1858-1918) ENSAIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Deusdado era o tipo do verdadeiro transmontano – corpulento, robusto, generoso, franco e bom.  
Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal

Talento do mais fino quilate, erudição vasta e carácter inabalável, eis os altos predicados que dele fizeram um benemérito, não só da sua pátria, mas da sociedade em geral, porque a ciência e a elevada acção foi e será sempre o alicerce onde se estriba o bem-estar duma nação, a felicidade dum povo.  
Vitorino Nemésio

Com este ensaio, parte de um estudo maior, pretendo contribuir para um conhecimento mais aprofundado da vida e da obra do ilustre intelectual transmontano M. A. Ferreira-Deusdado. Sobre o labor intelectual de Ferreira-Deusdado escrevia em 1966, Ruy Galvão de Carvalho: “Injustamente caiu, há muito, no olvido este altíssimo espírito que, no seu tempo, honrou notavelmente o pensamento português e dignificou as letras nacionais”.

Com efeito, se exceptuarmos aqueles que, às coisas da cultura costumam devotar-se de alma e coração e que, portanto, sabem muito bem quem foi Ferreira Deusdado, o leitor apressado ou distraído, esse, sem dúvida nenhuma, nem sequer de nome o conhece. E, todavia, Ferreira Deusdado impôs-se, intelectualmente, à admiração de vultos da categoria de um Antero de Quental, de um Ravaisson e de um Lachelier, de um Liard e de um Bernard Perez, de um Henry Joly e de um Don Manuel Torres Campos”.

Este é mais um esforço para dar a conhecer o seu labor intelectual que nas últimas décadas, voltou a concentrar a atenção de alguns investigadores. Entre eles, convém destacar a criteriosa organização bibliográfica posta à disposição de todos por José Carlos Gonçalves Peixoto no volume intitulado *Pensamento educacional de Ferreira Deusdado*, separata de *Itinerarium*, ano XL (1994), nros 148, 149 e 150 de 1994, trabalho incontornável para quem deseje penetrar na extensa obra que Ferreira-Deusdado assinou na multiplicidade das publicações em que colaborou.

Apesar de grande parte da sua obra desde há muito se encontrar esgotada, é de destacar o esforço feito por Pinharanda Gomes que procedeu, em 1995, de uma cuidada reedição do tomo *Educadores portugueses*, trabalho central da produção intelectual de Deusdado, precedida de um longo prefácio e acrescentada com um apêndice que

contém impressos dois textos assinados pelo pedagogo transmontano: um, versando a temática da pedagogia intitula-se *A necessidade da preparação pedagógica no professorado português*; o outro, versando a temática filosófica, designa-se *Esboço histórico da filosofia em Portugal no século XIX*. Anos antes, em 1978, Pinharanda Gomes já tinha traduzido e anotado o escrito *La philosophie thomiste en Portugal*, volume composto a partir de textos anteriormente publicados na *Revista de Educação e Ensino* e que, depois de serem revistos pelo seu autor, deram origem a um novo artigo destinado a ser publicado na prestigiada revista filosófica internacional, a *Revista Néo-escolástica de Louvaine*, em 1898.

Manuel António Ferreira-Deusdado, antepenúltimo filho de uma longa prole de doze, nasceu em 7 de Abril de 1858, no seio de uma família tradicional, legitimista, abastada e católica, na aldeia transmontana de Rio Frio, no distrito de Bragança e morreu sessenta anos depois, em 21 de Dezembro de 1918, na capital do país, no número 54 da Rua Almirante Barroso, Lisboa. A sua existência transitou numa época em que Portugal se arrastava entre a agonia da monarquia com a oposição constante e acintosa entre liberais e absolutistas, situação que, com certeza, foi determinante para a desagregação do ideal monárquico e facilitadora da instauração da república em 1910.

O seu pai era José António Ferreira Deusdado, convencionado de Évora-Monte que, embora vencido, teimou em permanecer fiel ao rei absolutista D. Miguel e a sua mãe era Florência Cavaleiro de Miranda Ferreira. A descendência do casal foi longa, onze filhos, entre eles, Manuel António Ferreira-Deusdado. “A veneranda bênção de meu Pai santificou o respeito pelas antigas tradições nacionais, as preces carinhosamente ensinadas por minha Mãe incensaram-me a alma de amor cristão”, escreveria já homem feito M. A. Ferreira-Deusdado. Sem abdicar da sua fidelidade ao partido régio que saiu derrotado, seu pai, com a nova conjuntura política, como se compreende, não teve a vida facilitada, mas o casal conseguiu, a partir de Rio Frio, com mais ou menos dificuldades, cuidar da educação de todos os descendentes.

Sobre a origem do nome Ferreira Deusdado numa longa nota inserida nas páginas 227 a 230 da obra *Escorços transmontanos*, o intelectual transmontano relata a investigação levada a cabo pelo açoriano Sebastião de Arruda da Costa Botelho para o *Dicionário de apelidos portugueses*, a qual nos dá a conhecer que o nome Deusdado se encontra ligado à nobre família do Duque de Alba, mais propriamente, ao sobrinho Manuel, filho do seu irmão D. Gonçalo Alvares de la Penha e Zuniga, caído em desgraça por ter consentido em casar com uma mulher de condição inferior: “Manuel Álvares de la Penha que partiu das Canárias para Pernambuco. Aí como guerreiro fez a campanha contra os holandeses [...] Álvares de la Penha teve em peleja também por sepulcro as águas do Atlântico. D. João IV fez mercês ao filho Simão Álvares de la Penha pelos serviços militares de seu pai e porque este para animar os soldados e consolá-los da falta de víveres e das negras privações que estavam padecendo em Pernambuco, dizia repetidas vezes, corajosamente: *Deus-dará*, concedeu-lhe o seguinte brasão: em campo de prata dois braços vestidos de verde saídos dos cantos do chefe, inclinados para baixo largando dinheiro de ouro e prata, orla verde com esta letra de ouro *Deus-dará* e por timbre um braço do escudo com moedas de ouro na mão. Paquife de ouro, prata e verde.

Concessão de 4 de Agosto de 1646 com todas as honras e privilégios de fidalgo [...]. Em 1710 fazia parte da guarnição da cidade de Miranda do Douro, vendida nesse ano aos espanhóis por seis mil dobrões pelo governador da praça Pimentel [...]. Gonçalo Deusdará protestou firmemente contra a traição de Pimentel, secundado por dois amigos, o que lhes valeu serem enclausurados com Braga ao pé no calabouço. Nos longos meses de calabouço esperando uma sentença de morte, ele dizia, fazendo íntimo voto e invocando a legenda do seu brasão: *Deus-dará* a vitória. Em 1711 o Conde da Atalaia libertou a praça e fez prisioneira a guarnição espanhola. Gonçalo Deusdará foi louvado pelo conde da Atalaia e feito Cavaleiro de Cristo e para comemorar o sucedido alterou o nome histórico de Deus-dará em Deusdado, simbolizando assim a realização do voto”.

Após a investigação feita por este estudioso dos apelidos portugueses, fica, então, determinada a origem do sobrenome Deusdado e a linhagem em que se insere o Dr. Manuel António Ferreira-Deusdado.

No dia 26 de Janeiro de 1905, Ferreira-Deusdado casou em Angra do Heroísmo, freguesia de Santa Luzia, com Catarina Serpa. Não tendo o casal deixado descendência, contudo, tomou conta da educação de três sobrinhos, filhos de um seu irmão entretanto falecido sem ter deixado aos descendentes quaisquer recursos de subsistência. Um dos sobrinhos por si educado, Domingos Augusto Ferreira Deusdado (1890-1962), veio a destacar-se na área do Direito e conta com obra publicada.

M. A. Ferreira-Deusdado era tio de Manuel Gonçalves Cavaleiro de Ferreira (1912-1992), professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa, que exerceu o cargo de Ministro da Justiça entre os anos de 1944 e 1954, período de tempo em que este ministério procedeu a importantes reformas prisionais, incluindo a educação correcional, não sendo por isso de excluir a hipótese de o Ministro se ter inspirado na vasta obra pedagógico-criminal de seu tio, ou que pelo menos, que o conhecimento da mesma tenha influenciado o seu magistério. Contudo, como lembra Pinharanda Gomes “Nunca se mencionou com bastante clareza a influência de Deusdado na legislação promulgada pelo sobrinho”, pois não se conhece qualquer estudo que permita filiar as reformas de Cavaleiro de Ferreira no pensamento teórico e especulativo do seu tio. Em conversa que tive com a Dr.<sup>a</sup> Maria Luísa Cavaleiro de Ferreira, filha do ilustre académico e político, foi-me referido que o seu pai, lia com atenção e referia entre os mais próximos, a obra do seu tio, mas que, no campo judicial, não fazia dela uma fonte autorizada das reformas que encetou.

Pese embora o cosmopolitismo de M. A. Ferreira-Deusdado, era a infância passada na aldeia, que lhe trazia as melhores recordações: “Maio dos onze anos, salvé! Os triunfos académicos, a glória literária, as distinções sociais, dá-las-ia pelo Maio dos onze anos. Não tenho saudades dos outros dias da minha mocidade; as paixões fervidas agitam a ambição e devoram a sensibilidade. É pelo Maio dos onze anos que eu suspiro e choro. Aquela sineta da tarde chamando à devoção, quantas recordações encerra! Quantos corações então pulsavam e hoje jazem tristemente sepultados dentro da cova e nunca mais ouvirão descobertos o toque do *Angelus Domini* e rezarão as *Avé Marias*”. Noutra parte afirma em pleno respeito, admiração e reconhecimento pelo torrão de terra onde tinha nascido e passado a meninice: “Quando faço a peregrinação aos lugares santos da minha infância,



ergue-se em minha memória o reboredado ou choupal de tom esmeraldino, onde brinquei em pequeno. Acontece sempre que, ao voltar à terra natal, os penedos parecem sorrir-me, as árvores, alegres companheiras de outrora, parecem curvar-se à minha passagem”.

M. A. Ferreira-Deusdado fez os primeiros estudos nas cidades de Bragança e Vila Real para, a seguir, ingressar já na capital, no ensino superior, primeiro no Instituto de Agronomia e Veterinária, onde completou o segundo ano, tendo, de seguida, desistido de prosseguir esta formação para se inscrever no Curso Superior de Letras, onde se licenciou em Humanidades. No Curso Superior de Letras encontrou Jaime Moniz, seu mestre de Filosofia que passou a considerar como mentor, a par de Sousa Lobo, outro insigne professor que aí conheceu e que o vieram a marcar, tendo, em reconhecimento, dedicado a ambos a obra editada em 1888 *Ensaio de filosofia actual*.

Em 1884 concluiu o Curso Superior de Letras, com a mais alta classificação.

Ao contrário do seu pai, monárquico e miguelista assumido, a M. A. Ferreira-Deusdado não se conhece nenhuma tomada de posição clara sobre algum dos movimentos, pese embora o desenrolar do seu pensamento revelar, em todas as fases, uma defesa cerrada da monarquia absolutista, em clara oposição ao liberalismo monárquico que considerava como o principal responsável pelo estado de decadência moral e intelectual em que Portugal se encontrava mergulhado.

Ferreira-Deusdado foi um fervoroso defensor de um efectivo investimento educativo, pois como se pode constatar ao longo da sua vasta obra, sempre manteve a firme esperança de, com o recurso à educação, se vir a reformar a sociedade.

A partir de 1884 foi professor, primeiro do ensino particular e depois do ensino Liceal oficial, lugar em que efectivou no ano de 1897. Nas escolas públicas e privadas leccionou, essencialmente, as disciplinas de Filosofia, História e Geografia.

Em 1886 foi eleito Vogal do Conselho Superior de Instrução Pública, criado pelo Ministro do Reino Barjona de Freitas. Este Conselho que era uma espécie de conselho consultivo do Ministro do Reino, inspirava-se no seu congénere francês e tinha a presidência-lo Jaime Moniz, reunindo uma vez por ano em plenário composto por delegados eleitos de todas as escolas para acordarem nas alterações necessárias ao bom desenvolvimento dos processos pedagógicos de acordo com a natural evolução da ciência, bem como das necessidades que a administração do ensino deveria reclamar ao poder executivo e legislativo. Desde o início bateu-se pela criação de uma Escola Superior de História, Filosofia e Letras que tivesse por missão formar de forma conveniente e adequada os professores dos Liceus, em substituição do então Curso Superior de Letras. No cumprimento dos seus deveres enquanto membro deste Conselho, pugnou, ainda, por uma efectiva liberdade de ensinar e aprender, defendendo que era função do Estado tutelar o ensino, mas não manter o seu monopólio, tanto mais que como largamente deixou demonstrado, o ensino particular era de qualidade superior em relação ao ensino público e por isso aqueles que o podiam frequentar, obtinham, quase sempre, melhores resultados.

A este Conselho estavam também atribuídas as tarefas de redigir os programas do ensino primário e do ensino secundário, bem como rever os programas do ensino superior e aprovar, com base no método científico e pedagógico, os manuais que serviam de base à leccionação das diversas disciplinas. Foi, ainda, no desempenho destas funções

que Ferreira-Deusdado, tendo em vista uma adequada formação de professores, se empenhou na criação de Escolas Normais que fossem capazes de introduzir novos métodos e diferentes conteúdos na preparação destes profissionais. O trabalho por si desenvolvido neste órgão foi de imediato elogiado pelos seus colaboradores Andrade Corvo, Magalhães Coutinho, Adriano Machado e Tomás de Carvalho.

No ano de 1886 Ferreira-Deusdado foi o Relator dos programas liceais gerais de História, Geografia e Filosofia elaborados segundo os progressos da ciência e da pedagogia, sendo apontado como, se não o fundador, aquele que mais contribuiu para introduzir em Portugal um renovado ensino filosófico segundo o critério da psicologia e da história.

Em 1887, no impedimento de Manuel Pinheiro Chagas, aquando da sua nomeação para Ministro da Marinha, foi nomeado lente auxiliar no Curso Superior de Letras.

Em 1889 inaugurou um Curso Livre de Pedagogia, fundamentando-o nas recentes descobertas no campo da psicologia, o que levou Dom Manuel Torres Campos, catedrático da Universidade de Granada, erradamente convicto de que tal cadeira tinha sido introduzida em Portugal nos currículos das escolas superiores que tratavam das questões educativas, a escrever na *Revista de los Tribunales*, que se publicava em Madrid, que tal como tinha feito Portugal, era necessário que a Espanha criasse nas suas escolas superiores uma cadeira de psicologia aplicada à educação. Só que, em Portugal, nas escolas oficiais também não existia tal cadeira, uma vez que a mesma apenas fazia parte do currículo do Curso Livre de Pedagogia criado por Deusdado.

Em 1890 concorreu ao lugar de professor dos Liceus, obtendo a classificação de *Distinto*, tendo sido nomeado, por Decreto de 6 de Fevereiro desse ano, professor efectivo do Liceu de Beja<sup>1</sup>, segundo Vitorino Nemésio, transferido de seguida para Lisboa e mais tarde para o Liceu de Angra do Heroísmo. Como foi no ensino secundário que mais labutou e no qual desenvolveu um trabalho de maior relevo enquanto professor e pedagogo, pode dizer-se que acima de tudo, Ferreira-Deusdado foi um professor liceal.

Em 1890 foi escolhido pelo governo português para substituir Emídio Navarro como delegado de Portugal junto ao Congresso Penitenciário Internacional que decorreu na Rússia, em São Petersburgo, inaugurado a 15 de Junho, para o qual foi eleito Vice-Presidente da IIª Secção, cabendo-lhe ainda a tarefa de redigir, a pedido do governo português, o Relatório dos trabalhos. Nesta altura conheceu e conviveu com o filósofo espiritualista Vladimir Soloviev com quem manifestou afinidade espiritual de pensamento, assente num neoplatonismo cristocêntrico que se opunha à nova mentalidade positivista.

Ainda no ano de 1890 Ferreira-Deusdado representou o governo português no Congresso da Associação Francesa Para o Adiantamento das Ciências, que decorreu em Limoges, França, ao qual apresentou três comunicações; uma sobre geografia e duas sobre pedagogia.

Em 1891 foi distinguido por Alexandre III com a Comenda e Grande Oficialato da Ordem Imperial de Santo Estanislau e o Foro de Gentil-Homem da Corte Imperial da Rússia e Polónia.

<sup>1</sup> Os estudiosos mais recentes referem que Deusdado efectivou não em Beja, mas sim em Braga. Contudo, a informação veiculada por Nemésio deve ser a correcta.

No ano seguinte, em 1892, representou o governo português, o governo italiano e o governo espanhol no III Congresso Internacional de Antropologia Criminal de Bruxelas, que decorreu entre 7 e 14 de Agosto, presidido pelo então ministro da justiça belga M. Le Jeune e no qual foi eleito Presidente de Honra.

Em 1894 foi incumbido pelo governo português de criar um Projecto de Reforma da Casa de Correção de Lisboa e de estabelecer as bases para o ensino correcional no país. Nestas funções mostrou-se adepto das escolas coloniais para a reabilitação dos jovens delinquentes, limitando a função do Estado à função penal e presidiária. A dedicação com que se empenhou neste trabalho valeu-lhe o reconhecimento por parte do Estado português que o distinguiu com um Louvor publicado em Portaria com a assinatura do ministro António de Azevedo Castelo Branco.

Em 1895 participou no IV Congresso Penitenciário Internacional que decorreu na capital francesa, Paris.

Ainda no ano de 1895, foi proposto por Pinheiro Chagas com um parecer redigido por Tomás Ribeiro, para sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, tendo-lhe sido dado o espadim de Almeida Garrett.

M. A. Ferreira-Deusdado integrou a Academia de Ciências de Portugal da qual foi delegado nos arquipélagos da Madeira e dos Açores.

Em 1897, no dia 3 de Março, por proposta do Professor Collard, lente de Pedagogia na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Católica de Lovaina, Bélgica, foi-lhe atribuído por esta Universidade o título de doutor *honoris causa* em Filosofia e Letras. A propósito desta alta distinção a Revista *Le XX<sup>e</sup> Siècle* fazia publicar: “L’université Catholique de Louvain vient de proclamer docteur en Philosophie e Lettres *honoris causa* M. le Dr. Ferreira-Deusdado, professeur au Cours Superior de Lettres à Lisbonne, membre de l’Académie Royale des Sciences de Portugal. Ou sait que l’Alma mater est très avare de cette haute distinction si enviée. Elle la réserve pour connaître un mérite exceptionnel et porter glorieusement son renom scientifique à l’étranger. Son choix a été de plus heureux. Par ses nombreux écrits, d’une science et d’une observation remarquables, et par une Revue spéciale qu’il dirige, depuis plusieurs années, M. le professeur Ferreira-Deusdado a créé un mouvement intellectuel en faveur de la psychologie appliquée à l’éducation correctionnelle. Il a montré notamment la nécessité de l’influence religieuse. Son œuvre prend place dans la restauration de la Philosophie chrétienne”.

Ainda em 1897, a pedido de Eduardo Augusto, sobrinho de Cunha Seixas, filósofo e intelectual que Deusdado muito estimava e cuja obra *Principios geraes de philosophia* tinha deixado em fase de impressão, ajudou à arrumação final da mesma, complementando a referida edição com dois textos da sua autoria designados *Esboço histórico da filosofia em Portugal no século XIX* e *Notícia biográfica do autor*, editados em 1898.

Em 1899, por proposta de Emilio Castelar y Ripoll, primeiro Presidente Executivo da Primeira República espanhola e relato do parecer de D. António Sanches Moguel, foi eleito Sócio da Real Academia de História de Madrid.

Em 1900 a rainha regente de Espanha, D. Maria Cristina concedeu-lhe a Comenda da Real Ordem de Isabel a Católica.

Em 1901, possivelmente por divergência com o poder instituído e em consequência de várias dúvidas assentes em boatos que tinham sido postos a circular de forma maliciosa quanto à sua deontologia profissional, foi colocado nos Açores, no Liceu Nacional de Angra do Heroísmo, tendo, no ano lectivo de 1906-1907 sido nomeado Reitor interino do mesmo liceu. Esta súbita mudança da capital do país para as remotas ilhas dos Açores foi benéfica para Ferreira-Deusdado uma vez que lhe permitiu mais tempo para a reflexão pessoal e para a organização de parte dos seus escritos. O intelectual transmontano ficou, para sempre, agradecido aos anos que passou nas ilhas açorianas como mostram as seguintes palavras que se lêem no livro que intitulou *Quadros Açóricos*: “Não me deslembro da água que me baptizou naquela longínqua aldeia transmontana da fronteira Leonesa, mas foi nos Açores que me começaram a branquear os cabelos e onde completei a minha existência”.

Em 1916, o Decreto de 14 de Abril publicado no *Diário do Governo* da República, concedia ao Dr. Manuel António Ferreira-Deusdado a medalha de prata de Mérito, Filantropia e Generosidade, criada pela rainha D. Maria II, que condecorava a bravura que tinha demonstrado quando em 28 de Maio de 1914, no decurso de um passeio de estudo que estava a realizar com os alunos da 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> classes do Liceu pela costa de S. Mateus da Calheta da Ilha Terceira, perto do lugar da *Aberta*, a dado momento, avistou um homem que se debatia em grande perigo no mar revolto e sem hesitar, tirou o casaco e o colete, lançando-se a nado para socorrer o infeliz homem, de nome Francisco Videira, que retirou para terra segura e lhe prestou de imediato o auxílio necessário. O professor do Liceu Nacional de Angra do Heroísmo, José Pinto Soares coligiu, em 1914, num folheto intitulado *Um rasgo de benevolência*, as notícias e outros documentos que a grandeza de tal acto tinham suscitado.

Em 1918, no dia 21 de Dezembro, em tempo conturbado da república e desiludido com o evoluir dos acontecimentos, falecia aos 60 anos, na sua casa de Lisboa, Manuel António Ferreira-Deusdado, tendo sido sepultado no Cemitério do Alto de S. João, de onde em 1981, sessenta e três anos volvidos, foi trasladado para a capela da actual Confraria de Nossa Senhora das Dores, entretanto restaurada, que pertencia à antiga Confraria Nossa Senhora de ao Pé da Cruz, criada por Bula do papa Clemente XI em 5 de Fevereiro de 1734, em Rio Frio, sua terra natal e da qual, pese embora a sua vida decorrer a grande distância, por eleição dos seus confrades, tinha sido designado seu Juiz vitalício. Desta forma, bastantes anos após a sua morte, tornou-se possível realizar o profundo desejo por si manifestado, em 1912, nas páginas da obra *Escorços transmontanos*: “Não sei que intensa magia prende o meu coração a um canto de terra onde nasci, e onde minha mãe me ensinou a amar a Deus e ao próximo. Esse amor estende-se muito além, sentindo até consolação em ser um dia sepultado na ermida *juxta crucem*, posto que em toda a parte do mundo haja sete palmos de terra para o corpo e a infinita misericórdia de Deus para a alma”.

Como acabamos de ver, a vida de M. A. Ferreira-Deusdado desenvolveu-se no último quartel do século dezanove e nas primeiras décadas do século XX, num período de tempo em que reinava, entre nós, o positivismo e o republicanismo, que tinham

em Teófilo Braga o grande mentor e em redor do qual se posicionavam todos aqueles que iam leccionar para as universidades, com a especial incumbência de doutrinar as novas gerações sob os princípios exclusivos de uma mentalidade positivista e republicana. Ao ambiente intelectual e doutrinário dominante na época, repugnava toda e qualquer tendência espiritualista, como a manifestada por Ferreira-Deusdado, que tal como outros que não alinhavam pelas novas ideias, pese embora as excelentes classificações obtidas nos concursos e a qualidade do trabalho público que exibiam, eram afastados, por meras questões ideológicas, do acesso à leccionação no ensino superior.

Apesar de um discreto empenho político, Ferreira-Deusdado opôs-se às sociedades secretas e foi leal a D. Miguel. Embora nunca tivesse tido qualquer filiação, foi um regenerador. Católico e conservador foi um dos convivas do poeta e pensador de pendor socialista Antero de Quental com quem partilhou longas horas de discussão filosófica e apuramento de ideias. Com mais ou menos reservas, considerava que a “democracia, na acepção moderna é o completo triunfo do princípio da igualdade política, é a opinião definitiva da nossa sociedade e será um facto inteiramente consumado no futuro”. Deusdado foi um defensor do municipalismo que considerava como a “verdadeira unidade e raiz dos governos constitucionais e republicanos” do seu tempo.

A sua obra despertou interesse em personalidades como Cunha Seixas, Antero de Quental e Moniz Barreto, tendo, também, o integralismo lusitano ido beber ao seu pensamento parte do seu ideário, o que não é de surpreender pois em 1916, ainda o recém-instaurado regime republicano não se tinha definido convenientemente e já Deusdado comentava um livro do movimento integralista no qual António Sardinha se posicionava como um dos líderes, que reunia uma série de conferências pronunciadas por diversos elementos do Movimento em Lisboa, na Liga Naval Portuguesa, no ano de 1915 e que tinham sido violentamente interrompidas por elementos antagónicos a esta ideologia, que, com violência, destruíram as instalações onde estavam a decorrer. Nesse escrito Ferreira-Deusdado afirmava sem qualquer reboço: “Os integralistas pelo culto da tradição, pelo amor da raça, pelo sentimento da disciplina e pela consciência da sua missão histórica são os únicos apóstolos que podem ser os salvadores da nossa pátria, anulando os estrangeiros do interior, pela pregação metódica da prisca fé, pelo revigoramento integral das nossas salutares tradições”. O alto apreço de António Sardinha por Ferreira-Deusdado ficou bem patente quando lhe dedicou a sua obra *Ao ritmo da ampulheta*.

Em 2001 a Associação Portuguesa de Geógrafos, com o patrocínio da Câmara Municipal de Bragança, criou o prémio anual Ferreira-Deusdado, destinado a reconhecer o contributo da Geografia e do seu ensino para o desenvolvimento da sociedade portuguesa. O prémio destina-se a professores de Geografia do ensino básico e secundário com mais de 36 anos.

De seguida, para terminar, elenca-se a principal obra de M A Ferreira-Deusdado:

*Revista Educação e Ensino* 1886-1900. 15 volumes publicados. Os três primeiros em Leça da Palmeira e os restantes 12 em Lisboa. Director, Tenente Alexandre José Sarsfield; redactores, Manuel Ferreira (Deusdado), P. João Manuel Pessanha, J. V. Carneiro Pinto e José Antunes Pinto. Em 1895 Ferreira Deusdado passou a ser o Director.

*Ensaio de filosofia actual*, Lisboa, Tip. Eduardo Roza, 1888.

*A literatura grega e latina* (Lição exposta ao Curso superior de Letras de 1886/87), Lisboa, Imp. Lucas, 1889.

*Criminalidade e educação*, Lisboa, Imp. Lucas E. Torres, 1889.

*Essais de psychologie criminelle, rapport présenté par IV Congrès Penitenciaire International. Saint Petersburg*, Lisbonne, Imprimerie Nationale, 1890.

*Ideias sobre educação correcional*, Lisboa, Guillard Aillaud & C<sup>a</sup>, 1890.

*Plano de uma escola colonial portuguesa*, Lisboa, Minerva, 1890.

*Notas dum viajante no império russo*, Lisboa, s. e., 1890.

*O ensino carcerário e o Congresso penitenciário Internacional de S. Petersburgo*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1891.

*Elementos de Geografia Geral*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1891.

*Psicologia aplicada à educação* (Lição de abertura exposta no Curso Superior de Letras Lisboa no ano de 1891/92), Lisboa, Imp. Lucas E. Torres, 1892.

*O recolhimento de Mofreita e o espírito das ordens religiosas*, Lisboa, Imp. Lucas E. Torres, 1893.

*Corografia de Portugal ilustrada*, Lisboa, Guillard, Aillaud & C<sup>a</sup>, 1893.

*A antropologia criminal e o Congresso de Bruxelas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1894.

*A reforma do ensino geográfico, princípios pedagógicos em geografia*, Lisboa, Imp. Lucas, 1895.

*A sugestão hipnótica na educação* (em colaboração com J. Bethencourt Ferreira), Lisboa, Imp. Lucas, 1897.

*Questions relatives à l'enfance et aux mineurs, rapports sur les 1.<sup>o</sup> et 3.<sup>o</sup> questions, cinquième congrès pénitentiaire internationale*, Melun, Imp. Administrative, 1895.

“Esboço histórico da filosofia em Portugal no séc. XIX”, in Seixas, Cunha, *Princípios gerais de filosofia*, Lisboa, Imp. Lucas, 1897. Edição actual: “Esboço histórico da filosofia em Portugal no séc. XIX”, in *Educadores portugueses*, fixação do texto, prefácio e notas de Pinharanda Gomes Porto, Lello & Irmão, 1995, pp. 465-496.

“Notícia biográfica do autor”, in Seixas, Cunha, *Princípios gerais de filosofia*, Lisboa, Imp. Lucas, 1897.

*La philosophie thomiste en Portugal*, 1898. Traduzido e editado em Gomes, Pinharanda, *A filosofia tomista em Portugal*, Porto, Lello & Irmão, 1978, pp. 31-90.

*Elogio histórico do Dr. José Augusto Nogueira Sampaio*, Reitor e professor do Liceu Nacional de Angra do Heroísmo, Angra do Heroísmo, Imp. Municipal, 1902.

*Pensamentos*, Angra do Heroísmo, Tip. Sousa e Andrade, 1903.

*Carta aberta a D. Miguel*, Angra do Heroísmo, Tip. Sousa e Andrade, 1904 (assina Visconde de Alvaredos).

*Discurso da Abertura Solene* (1906/07), Angra do Heroísmo, Imp. Municipal, 1907.

*Quadros açóricos*, Angra do Heroísmo, Imprensa Municipal, 1907.

*Educadores portugueses*, 1909. Edição recente: *Educadores portugueses*, fixação do texto, prefácio e notas de Pinharanda Gomes, Porto, Lello & Irmão, 1995.

*Liceu Nacional de Angra do Heroísmo* (Discurso inaugural proferido a 17/10/1910 pelo reitor Dr. Ferreira Deusdado), Angra do Heroísmo, Tip. Sousa e Andrade, 1910.

*Perfil do conselheiro Teixeira de Sousa* (assina Cavaleiro Miranda), Angra do Heroísmo, Tip. Sousa e Andrade, 1910.

*Escorços transmontanos*, Angra do Heroísmo, Tip. Sousa e Andrade, 1912.

*O senhor D. Manuel V, Bispo de Angra*, Angra do Heroísmo, s. e., 1916.

*A crise do ideal na arte*, Angra do Heroísmo, Liv. Editora Andrade, 1917.